

Autor: Sávio Laet de Barros Campos

O Mistério da Caridade – Uma primeira aproximação

Sávio Laet é Bacharel-Licenciado e Pós-Graduado em Filosofia pela Universidade Federal de Mato Grosso [UFMT], cursou ainda algumas disciplinas teológicas [Revelação e Fé; Transmissão da Revelação e Teologia do Direito Canônico] no SEDAC [Studium Eclesiástico D. Aquino Corrêa]. Foi pesquisador do Grupo de Estudos *Polis-Éthos* [registrado no CNPq] da UFMT. Também participou como estudioso da filosofia medieval no grupo de “Pesquisas em Filosofia Antiga e Medieval” [com registro no CNPq] vinculado à mesma instituição.

A física do tempo de Santo Agostinho acreditava que todos os corpos tinham o seu lugar natural e que o que os conduzia para este lugar era a sua gravidade. Ora, em latim, *gravis* (-e) é um adjetivo que significa pesado. Donde Agostinho raciocinar: se todas as coisas têm a sua “lei da gravidade”, pela qual tendem para o seu lugar próprio¹, qual será a “lei da gravidade” do homem? E chega à seguinte conclusão: o peso do homem, isto é, a lei que o faz tender para o lugar que lhe é natural, é o amor. Daí dizer ele: “O meu peso é o meu amor [*Pondus meum, amor meus*]; para qualquer parte que vá, é por ele que sou levado”². Agostinho estava tão convencido disso que, num sermão, de súbito e até rispidamente – talvez porque pensassem que ele fosse um estóico ou ainda maniqueu – afirmou aos que o ouviam: “Acaso vos é dito: Não ameis coisa alguma? Longe disso. Sereis preguiçosos, mortos, detestáveis, infelizes, se nada amais. Amai”³. Noutro opúsculo, insiste: no amor, nenhum esforço é penoso, nenhum cansaço é oneroso, porque o amor é-nos natural. O homem não se cansa de amar, porque foi feito para amar:

(...) trabalho algum é penoso para os que amam. Ao contrário, eles encontram aí o seu deleite. (...). Porque quando se ama não há fadiga; e se houver fadiga, ama-se a fadiga.⁴

¹ AGOSTINHO. **Confessionum libri tredecim**. XIII, 9, 10. Disponível: <http://www.augustinus.it/latino/confessiononi/conf_13.htm> Acesso em: 31/01/2013. (A tradução é nossa).

² *Idem. Ibidem.*

³ AGOSTINHO. **Comentários aos Salmos**. 2ª ed. Trad. Monjas Beneditinas. São Paulo: Paulus, 2005. v. I. 31 II, 5. p. 354.

⁴ AGOSTINHO. **Dos Bens da Viuvez**. Trad. Nair de Assis Oliveira. Rev. Zolferino Tonon. São Paulo: Paulus, 2000. 21, 26. pp. 263 e 264.

Autor: Sávio Laet de Barros Campos

Em sua própria existência, Agostinho experienciou que a essência do homem é amar. Nas *Confissões*, valendo-se do imperfeito da voz ativa do verbo “amo”, confessa: “(...) amava amar [*amare amabam*]”⁵. Em seguida, lançando mão do particípio presente do mesmo verbo, afirma: “Amando amar (...) [*amans amare*]”⁶. Observemos que Agostinho não fala de “amor” como substantivo. Aliás, para ele, “amor” é uma palavra ociosa. Num *Sermão*, é claro sobre isso: “(...) é banal (*infructuosa= infrutífero*) o nome de ‘amor’”⁷. Ao seu sentir, a dileção é substancialmente verbo: ou é ato ou não é nada. Ele reafirma isso inclusive em tratados teológicos: “(...) não é amor, o amor que nada ama”⁸. E ainda: “(...) onde nada é amado, não existe amor algum”⁹. Noutro *Sermão* chega a desafiar a assembleia dizendo: “A caridade não é ociosa. (...) Mostra-me um amor ocioso, inoperante”¹⁰. Enfim, para o homem, amar é ser, amar é existir, amar é viver.

Agora bem, há amor e amor. Amar por amar, podemos amar qualquer coisa, inclusive o mal (mal= amar um bem menor em detrimento de um bem maior). Já Nosso Senhor advertia que nem tudo que vem do coração – sede das nossas inclinações e vontade – é bom; antes, pelo contrário, é do coração que vem o mal: “Com efeito, é do coração que procedem más intenções, assassínios, adultérios, prostituições, roubos, falsos testemunhos e difamações” (Mt 15, 19). Atento a isso, assevera Agostinho, no mesmo *Sermão* citado acima: “Só o amor leva alguns até a praticar o mal. Não é o amor que pratica todas as maldades, os adultérios, os crimes, os homicídios, a luxúria?”¹¹. Donde o imperativo: “Amai. Vede, contudo, o que amar [*Amate, sed quid ametis videte*]”¹². Em outras palavras, o amor pode nos conduzir tanto à ruína como à virtude, pode nos levar tanto para o bem quanto nos empurrar para o abismo. Portanto, a bem da verdade, há dois tipos de amor. Di-lo-á O Doutor de Hipona: “O amor de Deus, o amor ao próximo chama-se caridade; o amor do mundo, o amor deste século denomina-se cobiça. Refreie-se a cobiça, excite-se a caridade”¹³.

Tornamo-nos ao mesmo lugar: o que é amar? Para entendermos, precisamos levar em conta dois tipos de amor: o aquisitivo e o donativo. Aquisitivo é aquele amor que ama alguém

⁵ AGOSTINHO. *Confessionum libri tredecim*. II, 1, 1. Disponível: <http://www.augustinus.it/latino/confessionum/conf_02.htm> Acesso em: 31/01/2013. (A tradução é nossa).

⁶ *Idem. Ibidem*. (A tradução é nossa).

⁷ AGOSTINHO. *Comentário do Evangelho de São João: A Ceia do Senhor*. Trad. José Augusto Rodrigues Amado. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1952. v. IV. LXXV, 5.

⁸ AGOSTINHO. *A Trindade*. 2ª ed. Trad. Agostinho Belmonte. Rev. Nair de Assis Oliveira et al. São Paulo: Paulus, 1995. VIII, 8, 12.

⁹ *Idem. Ibidem*. IX, 2, 2.

¹⁰ AGOSTINHO. *Comentários aos Salmos*. 31 II, 5. p. 354.

¹¹ *Idem. Ibidem*.

¹² *Idem. Ibidem*.

¹³ *Idem. Ibidem*.

Autor: Sávio Laet de Barros Campos

ou alguma coisa exclusivamente para adquirir deles algum prazer, algum bem. Por exemplo, o adúltero busca o prazer do sexo; o criminoso a rapina, o sabor da vingança ou coisa que o valha; o luxurioso busca saciar seu desejo. Observemos bem: nisso não há amor, se entendermos por amor fazer o bem ao próximo. O adúltero busca o seu bem e é um traidor; o criminoso rouba, mata, para conseguir alguma coisa; o luxurioso abusa, estupra, assedia, e torna-se incapaz de amizades sinceras. Não é difícil perceber que estes “amores” são desordenados, porque, buscando o “bem”, provocam o mal. Por isso, nem todo amor é virtuoso. Qual, então, é o verdadeiro amor? O amor verdadeiro é o donativo: o que se doa, o que dá sem esperar nada em troca (Lc 6, 35). Este é o verdadeiro amor. É o amor de Nosso Senhor: “Ninguém tem amor maior do que aquele que dá a vida pelos amigos” (Jo, 15, 13). O mandamento que Ele nos deixou, ei-lo: “(...) Este é o meu mandamento: que vos ameis uns aos outros como eu vos amei” (Jo 15, 12). Este é o amor cristão: “Quem ama não faz mal ao próximo” (Rm 13, 10), mas dá a vida por ele. Por conseguinte, o “como eu vos amei” de Cristo é uma ruptura que distingue o amor cristão do amor mundano. Importa que retenhamos isso. Amar uns aos outros não é bem o que nos faz cristãos e Igreja, mas sim o amar-nos uns aos outros como Cristo nos amou. Trata-se de um amor que dá a vida pelos seus amigos. Aqui está a renovação! Exorta Agostinho:

Somente é causa de renovação, o amor a que o Senhor juntou esta qualidade: *como eu vos amei*. É por estas palavras que se distingue o verdadeiro amor do amor carnal.¹⁴

Com efeito, estes dois amores dividiram o mundo, porque inconciliáveis. Nestas duas formas de amar, cumpre-se a palavra do Senhor, a saber, de que Ele será causa de cisão:

Não penseis que vim trazer paz à terra. Não vim trazer paz, mas espada. Com efeito, vim contrapor *o homem ao seu pai, a filha à sua mãe e a nora à sua sogra*. (Mt 10, 34-35).

De fato, o Doutor de Hipona reconhece neste dito do Senhor a história do mundo. Na sua concepção, estas duas formas de amor – o aquisitivo e o donativo – cindiriam o mundo em duas cidades: “Dois amores fundaram, pois, duas cidades, a saber: o amor próprio, levado ao desprezo a Deus, a terrena; o amor a Deus, levado ao desprezo de si próprio, a celestial”¹⁵.

¹⁴ AGOSTINHO. *Comentário ao Evangelho de São João: A Ceia do Senhor*. LXV, 1.

Autor: Sávio Laet de Barros Campos

Desprezo a si próprio – poderia arguir alguém – isso não é sadismo, masoquismo? Não nos deixemos tomar pela força das palavras. O que o Santo Doutor está a dizer é que o amor deve ser bem ordenado:

O amor, que faz com que a gente ame bem o que deve amar, deve ser amado também com ordem; assim, existirá em nós a virtude, que traz consigo o viver bem. Por isso, parece-me ser a seguinte a definição mais acertada e curta de virtude: A virtude é a ordem do amor.¹⁶

Ora, o Senhor nos ordenou a amá-IO sobre todas as coisas (Mt 22, 37-38). Destarte, neste contexto, amar a si mesmo acima de Deus é antes odiar-se do que amar-se. Diz o Santo Bispo:

Quem sabe se amar a si mesmo, ama a Deus. Quem, porém, não ama a Deus, mesmo que se ame – o que lhe é natural –, pode-se dizer com razão, que se odeia. Pois, como se fosse o seu próprio inimigo, faz o que lhe é adverso e persegue-se a si mesmo.¹⁷

Em outras palavras, não ama a si mesmo, quem ama a si mesmo acima de Deus.

Mas demos um passo a mais, pois a caridade cristã é um mistério profundo! Com efeito, São Paulo, à igreja de Corinto, depois de dizer, “(...) não vos falta nenhum dom da graça” (I Cor 1, 7), afirma: “(...) passo a indicar-vos um caminho que ultrapassa a todos” (I Cor 12, 31). Começa então a enumerar dons e carismas, fé que remove montanhas, profecias e ciência de toda sorte, mas remata afirmando: “(...) se me falta o amor, nada sou (...)” (I Cor 13, 2). Dirá Agostinho: “Sem a caridade, os outros bens não são proveitosos”¹⁸. Mas o que temos aqui? À igreja mais rica em dons e carismas, São Paulo diz: como eu, também vocês, sem a caridade, nada somos. De mais a mais, enquanto todos os outros dons findarão, “(...) a caridade jamais passará (...)”. Há a fé, há a esperança, mas tudo passará e “A maior delas, porém, é a caridade.” (I Cor 13, 13). Somente ela permanece para sempre. Observemos também que São Paulo não identifica a caridade com nenhum daqueles atos que podem, materialmente, expressá-la. Diz ele: “Ainda que distribuísse todos os meus bens aos famintos, ainda que entregasse meu corpo às chamas, se não tivesse a caridade, isso de nada me

¹⁵ AGOSTINHO. *A Cidade de Deus*. 4ª ed. Trad. Oscar Paes Lemes. Rio de Janeiro: Vozes, 2001. XIV, XXVIII. p. 169.

¹⁶ *Idem. Ibidem*. XV, XXII. p. 207.

¹⁷ AGOSTINHO. *A Trindade*. XIV, 14, 18.

¹⁸ *Idem. Comentário ao Evangelho de São João: A Ceia do Senhor*. LXXXVII, 1.

Autor: Sávio Laet de Barros Campos

adiantaria” (I Cor 13, 3). Santo Agostinho comenta esta visão de São Paulo, e quando fala da caridade, afirma:

Nada há mais excelente do que este dom de Deus. É a única coisa que distingue os filhos do Reino eterno dos filhos da perdição. Outros dons são também concedidos por meio do Espírito Santo, os quais, porém, nada aproveitam sem a caridade.¹⁹

A caridade não é, pois, benemerência, nem filantropia; nem mesmo o “martírio” é martírio sem a caridade. Mas o que é a caridade? É um dom. E quem nos dá este dom? É São Paulo quem responde à igreja que estava em Roma: “(...) o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado” (Rm 5, 5). Sim, a caridade é o amor de Deus e quem no-la dá é o Espírito Santo. O Amor Incriado, o Espírito Santo, cria em nós a caridade, virtude criada. Mas como se manifesta este amor, este dom de Deus? Nosso Senhor fala algo do mistério. Ao que lhe perguntara qual era o maior dos mandamentos, respondeu-lhe:

Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu espírito. Este é o maior e o primeiro mandamento. O segundo é semelhante a esse: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. (Mt 22, 37-38).

Ora, Santo Agostinho, “ruminando” este texto, encontrava nele uma aparente “contradição”. Como posso amar a Deus com todo o meu ser, com todas as minhas fibras e medulas, se tenho que amar ainda a mim e ao meu próximo como a mim mesmo? E ele próprio explica: não devemos amar a nós mesmos por nós mesmos, mas devemos amar a nós mesmos por Deus. O amor a Deus deve estar acima do amor a si mesmo. Assim, se você ama ao próximo como a si mesmo – e não ama a si mesmo acima de Deus – também não amará ao próximo acima de Deus, mas por Deus. Então, amando a si mesmo por Deus e amando ao próximo também por Deus, não estará amando outra coisa senão Deus, em você e no próximo. Diz ele num *Sermão*: “Ama o próximo como a si mesmo o que ama a Deus. Se não ama a Deus, não ama a si mesmo”²⁰. Noutro lugar, afirma:

¹⁹ *Idem. A Trindade*. 2ª ed. Trad. XV, 18, 32.

²⁰ AGOSTINHO. *Comentário ao Evangelho de São João: Médico e Alimento*. 2ª ed. Trad. José Augusto Rodrigues Amado. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1954. v. II. LXXXVII, 1.

Autor: Sávio Laet de Barros Campos

Quem ama a Deus não pode desprezar o preceito pelo qual Deus manda amar o próximo. E quem ama o próximo santamente e espiritualmente nada mais ama no próximo senão Deus.²¹

Desta feita, a caridade transforma-se num amor exigente e libertador: eu devo colocar Deus acima de mim mesmo, e se devo amar qualquer pessoa como a mim mesmo, devo amá-la até que ela, comigo, comece a amar a Deus sobre todas as coisas. Não retenhamos as pessoas conosco; nossa missão é levá-las a Deus! Num tratado sobre exegese, Santo Agostinho explicita o quanto dissemos nos parágrafos acima:

Portanto, se não te deves amar a ti mesmo por ti próprio, mas por aquele em que está o fim retíssimo de teu amor, que nenhum entre teus irmãos se aborreça se o amares por Deus. Porque a lei do amor assim foi estabelecida por Deus: “Amarás ao próximo como a ti mesmo, mas a Deus com todo teu coração, com toda a tua alma e com todo teu espírito” (Lv 19, 18; Dt 6, 5; Mt 22, 27.28). (...) Porque quando é dito “de todo teu coração, de toda tua alma e de toda tua mente”, não te é permitido que nenhuma parte de tua vida fique desocupada para que possas gozar de outro objeto. Exige, antes, que qualquer outro objeto que venha à mente para ser amado seja arrastado naquela mesma direção do caudal impetuoso do amor. Logo, quem ama retamente o seu próximo deve tratar que esse alguém também ame a Deus com todo o seu coração, com toda a sua alma, com todo o seu espírito. Amando-o assim como a si próprio, referirá todo o amor, próprio ou alheio, naquela direção do amor de Deus que não tolera que se extravase e perca nenhum arroiozinho que venha a diminuir seu ímpeto.²²

E como “(...) a caridade é a plenitude da Lei” (Rm 13, 10), o “vínculo da perfeição” (Cl 3, 14), podemos dizer – também com Santo Agostinho – que, ainda que nos faltassem todos os demais dons, se ao menos tivéssemos a caridade, estaríamos salvos. Porque, a falar com máxima exatidão, quem tem a caridade, possui todas as outras virtudes. Olhando para o *Hino à Caridade* de *I Cor 13*, onde São Paulo como que a identifica com todas as outras virtudes – “A caridade é paciente, a caridade é prestativa, não é invejosa, não se ostenta, não se incha de orgulho. Nada faz de inconveniente, não procura o próprio interesse, não se irrita, não guarda rancor. Não se alegra com a injustiça, mas se regozija com a verdade. Tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta (...)” (I Cor 13, 4-7) – Agostinho remata: “Tende

²¹ *Idem. Comentário ao Evangelho de São João: A Ceia do Senhor*. LXV, 2.

²² AGOSTINHO. *A Doutrina Cristã*. Trad. Nair de Assis Oliveira. Rev. Paulo Bazaglia e Honório Dalbosco. São Paulo: Paulus, 2002. I, 22, 21.

Autor: Sávio Laet de Barros Campos

a caridade e tereis tudo”²³. Entretanto, o contrário não é verdadeiro, pois “Sem ela (i.é., a caridade) nada vos aproveita, sejam quais forem os bens que possuais”²⁴. De fato, se nos faltasse a caridade – ainda que tivéssemos todos os demais dons e carismas – nada teríamos: “Ainda que eu falasse línguas, as dos homens e as dos anjos, se eu não tivesse a caridade, seria como bronze que soa ou como címbalo que tine” (I Cor 13, 1). Aos que disserem, “Senhor, Senhor, não foi em *teu nome que profetizamos* e em teu nome que *expulsamos demônios* e em teu nome que fizemos *muitos milagres?*” (Mt 7, 22), o Senhor responderá: “Nunca vos conheci. *Apartai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade.*” (Mt 7, 23). O Bispo de Hipona remata de forma claríssima:

Se aquele que possui amor ou caridade (dois nomes para uma só realidade!) não fala as línguas, nem tem o dom da profecia, nem conhece os mistérios e toda a ciência, nem distribui seus bens aos pobres, porque não os possui, ou porque esteja impedido por alguma necessidade, nem entrega seu corpo às chamas, se lhe faltar ocasião para esse sofrimento – a caridade o conduzirá ao Reino, fazendo que só o amor torne meritória a fé.²⁵

Observemos que a caridade é meritória em si mesma. O desejo de amar – quando ordenado à ação – já é amar, já é uma ação. Mas a caridade é, ademais, missionária e eclesial. Missionária, porque amando quem não crê como a nós mesmos, devemos querer para ele o que queremos para nós: a Salvação! Eclesial, porque podemos e devemos esforçar-nos para que ele venha para aquele Corpo onde Deus deve ser amado acima de tudo e todas as coisas devem ser amadas por Deus: a Igreja. Portanto, a caridade suspira por unidade. Se o próximo deve ser amado como amamos a nós mesmos, ele deve ser amado como uma extensão do nosso “eu”. Destarte, se realmente o amamos como amamos a nós mesmos, quando o amamos assim, amamos a nós mesmos nele. Desta feita, não há lugar para a inveja – mãe de toda divisão – porque ninguém pode invejar a si mesmo. Assim, não há lugar para a avareza, a usura, pois o que é nosso é do outro também, já que o outro, na verdade, é um prolongamento do nosso “eu”. Quando pensamos em ter “ciúme” do outro, logo a graça nos socorre: ele não é um “outro” completamente alheio a você; é seu irmão, parte de você. De sorte que devemos

²³ AGOSTINHO. **Comentário ao Evangelho de São João: Médico e Alimento**. XXXII, 8. Está claro que, a rigor, a caridade é uma virtude distinta das outras, pois possui um objeto formal que a especifica. Contudo, ela é a raiz e a motriz de todas as outras virtudes.

²⁴ *Idem. Ibidem.* (O parêntese é nosso).

²⁵ *Idem. A Trindade*. XV, 18, 32.

Autor: Sávio Laet de Barros Campos

querer para ele o que queremos para nós. “A caridade (...) não é invejosa” (I Cor 13, 4). Santo Agostinho diz isso com as seguintes palavras:

Assim, amando ao próximo como a si mesmo, ele não o inveja, porque não se pode se invejar a si mesmo (Ita cum diligat proximum tamquam seipsum, non invidet ei, quia nec sibi ipsi). Dá ao outro o que pode, daquilo que se dá a si mesmo (praestat ei quod potest, quia et sibi ipsi). Não tem necessidade do outro, porque nada necessita de si mesmo (non eo indiget, quia nec seipso). Só precisa de Deus e encontra sua felicidade unindo-se a ele.²⁶

Ora, dispersa a inveja pela força da dileção, há a unidade. Nasce, pois, a Igreja do abraço da caridade. Num *Sermão* dirigido ao povo simples, o Doutor de Hipona disserta com meridiana clareza acerca desta dimensão eclesiológica da caridade:

(...) a caridade faz com que seja comum a todos o que é próprio de cada um. Todo o homem quando ama, encontra no próximo aquilo que não tem. Não haverá sombra de inveja motivada pela diferença de caridade. Em todos reinará a unidade da caridade.²⁷

Amou a cada um de nós para que nos amássemos uns aos outros. E deu-nos no seu amor a graça de nos estreitarmos num amor mútuo, e de constituirmos o corpo de que ele é a cabeça sublime, se formos membros ligados por um vínculo tão suave.²⁸

Agora, como o amar cristão se manifesta na concretude da vida? Partindo do quanto dissemos acima, temos que o cristianismo muito perde da sua essência quando se esquece do que é realmente magnificante. Hoje muito se diz dos grandes feitos, dos grandes encontros, do quantitativamente grande em detrimento do qualitativamente grande. Esquecemo-nos de que o máximo pode começar no mínimo, pode estar no mínimo. Olvidamos que a palavra “cuidado” vem do latim: “cura”. De fato, os antigos acreditavam que é cuidando que se cura. Ao menos no linguajar cotidiano conserva-se algo desta verdade esquecida: não se diz “cuidador” de um Museu ou de uma Biblioteca, mas sim: curador. Por quê? Porque é cuidando dos livros – de cada página – e das obras de arte, em seus mínimos detalhes, que eles são realmente conservados e permanecem curados. Na verdade, em nome dos grandes feitos – o mais das

²⁶ AGOSTINHO. **A Verdadeira Religião**. Trad. Nair de Assis Oliveira. Rev. Honório Dalbosco. São Paulo: Paulus, 2002. 47, 90.

²⁷ *Idem*. **Comentário ao Evangelho de São João: A Ceia do Senhor**. LXVII, 2.

²⁸ *Idem*. *Ibidem*. LXV.

Autor: Sávio Laet de Barros Campos

vezes – esquecemo-nos do sorriso, da graça, do silêncio e da gratuidade duma saudação. Na busca dos grandes feitos, faltamos com os pequeninos gestos. Comportamo-nos como o sacerdote e o levita da parábola do “Bom Samaritano” (Lc 10, 30-37). Ambos como que indo para uma “grande prédica”, veem alguém sobre o qual depois vão pregar, a saber, o semimorto, mas como devem pregar, passam longe dele, a fim de poderem – a tempo – pregar sobre ele. O que significa isso? Significa o ato farisaico de se esquecer das pessoas para se prender aos princípios, aos “valores”. Em vez de nos preocuparmos, antes de tudo, com o pobre, o doente e o pecador, preferimos falar sobre a pobreza e o pecado. Nascem, então, as ideologias. O amar se transforma num discurso sobre o amor. Outrossim, esquecemo-nos de que quem não é fiel no pouco, tampouco o será no muito (Lc 16, 10). Santo Agostinho, numa obra onde tenta ensinar a ler a Bíblia – no *tomo* onde ele busca ensinar como se pregar a Bíblia – resume esta verdade do versículo acima citado numa máxima invicta, que pode ser traduzida assim:

O mínimo é, em si mesmo mínimo, mas ser sempre fiel, até nas coisas mínimas, isto é o máximo (Quod ergo minimum est, minimum est; sed in minimo fidelem esse, magnum est= O que é mínimo é mínimo, mas ser fiel no mínimo é o máximo).²⁹

Contudo, aproximemo-nos ainda mais deste mistério. Como entendermos um pastor que deixa noventa e nove ovelhas para recuperar **uma** (Lc, 15, 4-7)? Como entendermos a mulher que deixa para trás nove moedas e põe-se a procurar **uma** que se perdeu? (Lc 15, 8-10)? Como entendermos que há “(...) mais alegria no céu por um só pecador que se arrepende, do que por noventa e nove justos que não precisam de arrependimento”? (Lc 15, 7). Há mais alegria por **um** do que por noventa e nove? Que conta é esta? Esta matemática não fecha. Onde vem esta preocupação com as mínimas coisas? Santo Agostinho, quando fala da conversão de um só pecador, a descreve assim: “Essa é uma obra maior, como disse, do que o céu e a terra, e do que tudo o que se vê no céu e na terra”³⁰. E, se perguntássemos a ele a razão, responderia: “O céu há de passar, e a terra também, mas a salvação e justificação dos predestinados, dos que o Senhor prevê que serão salvos, hão de permanecer”³¹. Sim, a conversão de **uma** só alma é uma obra maior do que toda a Criação. É assim, inclusive, que o

²⁹ AGOSTINHO. *De Doctrina Christiana libri quatuor*. IV, 18, 35. Disponível em: <http://www.augustinus.it/latino/dottrina_cristiana/dottrina_cristiana_4.htm>. Acesso: 02/02/2014. (A tradução é nossa).

³⁰ *Idem*. *Comentário ao Evangelho de São João: A Ceia do Senhor*. LXXII, 3

³¹ *Idem*. *Ibidem*.

Autor: Sávio Laet de Barros Campos

Bispo de Hipona entende aquelas obras maiores que Nosso Senhor disse que os seus – nEle – poderiam fazer, sendo missionários (Jo 14, 12). De fato, a salvação de um só homem para Deus vale mais do que o céu e a terra e tudo o que eles encerram. Santo Tomás reafirma isso de forma categórica:

(...) E neste sentido maior obra é a justificação do ímpio, que termina no bem eterno da participação divina, do que a criação do céu e da terra, que termina no bem da natureza mutável.³²

Por isso, quando a Igreja – com a graça do Seu Senhor – converte uma pessoa, uma única, esta obra jamais acabará. Passarão o céu e a terra, mas aquela alma, perseverando até o fim, estará salva por toda eternidade! Mas tudo isso nos diz que é pessoa por pessoa, ou seja, é preciso deixar noventa e nove para encontrar-se com aquela pessoa. E devemos saber que aquela alma – daquela pessoa – vale mais do que o céu e a terra e que haverá mais alegria por ela do que por noventa e nove que “não precisam de conversão”... Assim, quando o Senhor chama a Igreja de “(...) pequenino rebanho” (Lc 12, 32), Ele não está apoucando a Sua obra, pois a justificação, a salvação e a santificação de uma só alma já valem mais do que toda a criação. Esta é a grandeza da Igreja: ser missionária e velar pelas almas que, uma a uma, uma por uma – com a graça do Seu Senhor – consegue converter. Todos os dias, quando a Igreja alcança uma pessoa, quando – com a força do Seu Senhor – conquista uma única alma, realiza uma obra maior do que a criação do mundo! Essa é a grandeza da Igreja, a conversão das almas. “Dai-me almas e ficai com o resto”, dizia D. Bosco.

Alguém poderia arguir-nos: não estávamos a falar da caridade, o que tem a ver isso com o que está dito logo acima? Diríamos: tudo. Para entendermos, tentemos colher algo do mistério do “próximo”. Ah, esta palavra próximo! É no contexto do “próximo” que Nosso Senhor começa a falar do amor. E Santo Agostinho diz-nos: “A palavra ‘próximo’ indica relação, e ninguém pode ser próximo senão daquele de quem se aproxima”³³. Portanto, o vocábulo, “próximo”, nasce duma ação, a ação de *aproximar-se*. O verbo precede o substantivo e o cria. Contudo, quando o mundo se aproxima de nós? Se você é bem-apresentado, dou um passo em sua direção. Se possuir bens, dou um novo passo em sua direção. Se possuir muitos bens, dou ainda outro passo. Se se afeiçoar a mim, dou outro passo em sua direção. Se quiser compartilhar comigo o que tem, estou próximo de você e você

³² TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica**. Trad. Aimom- Marie Roguet et al. São Paulo: Loyola, 2001. I-II, 113, 9, C.

³³ AGOSTINHO. **A Doutrina Cristã**. I, 30, 31.

Autor: Sávio Laet de Barros Campos

próximo a mim. A relação, ei-la. Agora, se você não se veste bem, dou um passo para trás. Se não tem bens, dou outro. Se não possui nada, dou mais dois ou três passos para trás. Se está doente, distancio-me. Não há relação! O que temos aqui? Temos que as nossas “relações” são criadas, não com base no que somos, mas sim no que parecemos ser e parecemos ter. É certo que o homem não é um bem supremo. Mas amar um ser humano como a seu próximo é amá-lo como se ama a si mesmo. Ora, amamos a nós mesmos pelo que somos, a saber, homens feitos à imagem e semelhança de Deus (Gn 1, 26). Logo, se quisermos amar o nosso próximo como a nós mesmos, devemos amá-lo também pelo que são, isto é, homens feitos à imagem e semelhança de Deus. Neste sentido, o Santo Bispo de Hipona, em seu tratado sobre *A verdadeira Religião*, afirma:

Que o homem ame o seu próximo, como a si mesmo. Nenhuma pessoa é por si mesma pai, filho, sócio, nem nada de semelhante, mas unicamente um homem. Amar alguém como a si mesmo é, pois, amá-lo no que ele é por si mesmo. Além do mais, nossos corpos não são unicamente tudo o que somos. Não é, pois, os corpos que devem ser procurados e desejados nos outros. (...) Desse modo, quem quer que ame em seu próximo outra coisa do que ele é em si mesmo, não o ama como deve. O que é preciso amar é a natureza humana, perfeita ou em vias de se aperfeiçoar, independentemente de suas condições carnis.³⁴

Porém, Nosso Senhor foi mais longe ainda: amou-nos quando estávamos ainda mortos em nossos pecados (Ef 2, 1), quando éramos Seus inimigos (Rm 5, 10); quando estávamos nus (Gn 3, 1), ou seja, despídos de qualquer mérito e vestidos de todos os deméritos, Ele nos chamou: “Onde estás?” (Gn 3, 9). Procurando-nos e não nos encontrando, não só se aproximou mais, não só caminhou mais em nossa direção, mas fez-se um de nós, fez-se nosso consanguíneo: “E o Verbo se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1, 14). A Encarnação do Verbo é como o ressoar do grito de Deus ao homem perdido após o pecado: “Onde estás?” (Gn 3, 9). O próprio Senhor no-lo afirma: “(...) o Filho do Homem veio procurar e salvar o que estava perdido” (Lc 19, 10). Diz Santo Agostinho: “O próprio Deus e Senhor nosso quis ser chamado nosso próximo”³⁵. Deus quis se relacionar conosco, quis estar conosco quando nada tínhamos para lhe oferecer, senão os nossos delitos. Quando estávamos assim, Deus quis ser “Deus conosco” (Mt 1, 23). Ele é o Pastor; nós, as Suas ovelhas perdidas (Lc 15, 4-7). Somos a Sua riqueza, Sua dracma perdida (Lc 15, 8-10); somos o filho em direção do qual Ele

³⁴ *Idem. A Verdadeira Religião*. 46, 89.

³⁵ *Idem. A Doutrina Cristã*. I, 30, 33.

Autor: Sávio Laet de Barros Campos

corre, a quem Ele agarra e a quem Ele cobre de beijos (Lc 15, 20). “Nisto consiste o amor: não fomos nós que amamos a Deus, mas foi ele quem nos amou (...)” (I Jo 4, 10). Paulo, precisamente quando respirava ódio contra os cristãos (At 9,1), fora alcançado por Cristo. A graça, ei-la: Cristo “perseguiu” Saulo quando Saulo perseguia Cristo (At 9, 5). Depois, o próprio Apóstolo diz: “(...) fui alcançado por Cristo Jesus” (Fl 3, 11). O que significa isto? Significa que o amor de Nosso Senhor foi mais rápido e mais forte do que o ódio de Paulo. São João Crisóstomo – Bispo de Constantinopla no século V – quando comentava, numa Homilia, a *Epístola aos Romanos*, afirmou neste sentido: “Nada existe, certamente nada, que o amor não possa vencer. O amor de Deus, de fato, é o mais sublime que existe”³⁶. O amor de Cristo por Paulo venceu o ódio de Paulo por Cristo, e foi exatamente quando Saulo odiava a Cristo – nos cristãos – que Cristo o amou de forma mais sublime. É o mistério da graça. Sabemos apenas que foi este amor que tornou Paulo um intrépido Apóstolo. Ele próprio no-lo afirma: “(...) a caridade de Cristo nos compele (...)” (II Cor 5, 14); “Minha vida presente na carne, vivo-a pela fé no Filho de Deus, que me amou (...)” (Gal 2, 20). Ele vive ousadamente porque foi amado. Vive deste amor.

Finalmente, de quem Cristo pede que nos aproximemos? A quem, certa feita, perguntou-lhe isto (Lc 10, 29), respondeu: o ferido, o roubado, o semimorto e abandonado (Lc 10, 30). Nosso Senhor, o Bom Samaritano, no “Vá, e também tu, faze o mesmo” (Lc 10, 37), ordenou precisamente o contrário do que costumamos fazer. Mandou que nos aproximássemos de moribundos, mas nós nos afastamos até de irmãos por estarem malvestidos; mandou-nos criar vínculos com miseráveis, mas damos as costas até a quem tem pouco a nos oferecer; mandou que fôssemos ao encontro dos pecadores, mas nos afastamos de quem tem este ou aquele problema. A lógica de Deus é diferente da nossa. Quem são os nossos convidados? Tendemos a convidar os que um dia nos convidarão e os que menos precisam dos nossos cuidados. Quem são os convidados de Deus? São “(...) os pobres, os estropiados, os cegos e os coxos” (Lc 14, 21). Mais: quem Deus mandou que fossem os nossos convidados? “(...) Quando deres uma festa, chama os pobres, estropiados, coxos e cegos (...)” (Lc 14, 13). Nosso Senhor eleva à enésima potência isto para nos dizer: aproxime-se de quem precisa de você mais do que de quem você precisa, e quanto mais alguém precise de você, quanto mais dele deve se aproximar. Ele próprio afirma: “(...) feliz serás, então, porque eles não têm com que te retribuir” (Lc 14, 14). Abramo-nos, pois, a este movimento, e

³⁶ JOÃO CRISÓSTOMO. *Homilias sobre a Carta aos Romanos*. Trad. Mosteiro de Maria Mãe do Cristo. Rev. Iranildo Bezerra Lopes. São Paulo: Paulus, 2010. **Nona Homilia**. p. 176.

Autor: Sávio Laet de Barros Campos

logo – por obra do Espírito – estaremos matando a fome de famintos, a sede de quem tem sede; logo estaremos vestindo o nu, visitando o doente e acolhendo o forasteiro (Mt 25, 35). E, naquele dia, Deus mesmo se aproximará de quantos agiram assim, dizendo-lhes: “Vinde, benditos do meu Pai (...)” (Mt 25, 34).

Tudo isso nos assusta, porque a modernidade nos apresenta a ética do dever: *deves porque deves*. É a ética laica, moderna; trata-se de uma ética formal, matemática, legalista, fria e morta. Ora, a esta se contrapõe outra, vale dizer, a cristã. Afirma Santo Agostinho: “A caridade é a realização completa de toda a lei (...)”³⁷. Estamos acostumados a imaginar a moral como um compêndio de preceitos. Mas ser ético, na concepção cristã, é cumprir unicamente um breve preceito: amar. Se, como vimos em *I Cor 13*, a caridade como que comporta todas as outras virtudes, só resta a Agostinho arrematar: “Portanto, foi-te dado, duma vez por todas, um breve preceito: Ama e faz o que quiseres (*Semel ergo breve praeceptum tibi praecipitur: Dilige et quod vis fac*)”³⁸. De fato, uma vez que, “(...) o mesmo Senhor Jesus Cristo, Deus Homem, é a Revelação do amor divino (...)”³⁹, nada mais resta a ser dito, senão isto: “Nisto reconhecerão todos que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns pelos outros” (Jo 13, 35). O Novo Testamento se resume no amor.

Talvez seja redundante depois do quanto dissemos retomarmos a temática, mas pensamos valer a pena renovar esta inquietação: o que é o amar cristão? Tentemos reaproximar-nos deste mistério a partir doutra máxima do autor que temos seguido até aqui: “(...) creia e opere. Crer refere-se à fé, e obrar, à caridade”⁴⁰. Isto mesmo já dizia o discípulo amado: “(...) não amemos com palavras nem com a língua, mas com ações e em verdade” (I Jo 3, 18). E São João não está sendo retórico. Não se trata de uma bela frase. Trata-se, agora sim, de uma *norma*: o amor cristão não consiste em se amar o próximo com palavras, mas com ações, com gestos. Mas que gestos? Antes de falar dos nossos gestos, falemos dAquele que não nos amou com palavras ou com a língua, mas dando a vida por nós: “Nisso consiste o Amor: ele deu sua vida por nós” (I Jo 3, 16). E Cristo deu Sua vida por nós, não somente morrendo na Cruz, mas vivendo uma vida de servo: “O Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida como resgate por muitos” (Mt 20, 28). A cruz, foi o “(...) tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim” (Jo 13, 1).

³⁷ AGOSTINHO. *Comentário ao Evangelho de São João: Médico e Alimento*. XVII, 6.

³⁸ AGOSTINHO. *In Epistolam Ioannis ad Parthos tractatus decem*. 7, 8. Disponível em: <http://www.augustinus.it/latino/commento_lsg/omelia_07_testo.htm>. Acesso em: 02/02/2014. (A tradução é nossa).

³⁹ AGOSTINHO. *A instrução dos catecúmenos*. 2ª ed. Trad. Maria da Glória Novak. Rio de Janeiro: Vozes, 2005. 4, 8. (O negrito é nosso).

⁴⁰ *Idem*. *Comentário aos Salmos*. 31, II, 5. p. 355.

Autor: Sávio Laet de Barros Campos

Então, compreendamos bem, que o amor do qual falamos não começa pelo ato de nós amarmos a Deus ou ao próximo, não é uma iniciativa nossa. O amor do qual falamos consiste, antes de tudo, noutra coisa: “(...) não fomos nós que amamos a Deus, mas foi ele quem nos amou (...)” (I Jo 4, 10). Sendo assim, o nosso amor – se é amor cristão – há de ser sempre uma resposta. Observemos, além disso, qual deve ser a dinâmica do amor que devemos espalhar, a saber, não esperar que o outro nos ame para amá-lo, mas devemos amá-lo primeiro como Deus nos amou primeiro. A graça, a gratuidade é o jeito de Deus amar e deve ser o nosso modo de amar. E como Deus nos amou? “(...) Enviou-nos seu Filho como vítima de expiação pelos nossos pecados” (I Jo 4, 10). Enviou-nos não algo, mas alguém. E não qualquer pessoa, mas seu Filho único e muito amado. E enviou-nos como retribuição do quanto O amamos? Não! Enviou-nos como expiação dos nossos pecados contra Ele. Então, como devemos amar? Ora, “Se Deus assim nos amou, devemos, nós também, amar-nos uns aos outros” (I Jo 4, 11). Com efeito, uma vez amados, devemos tomar a iniciativa de amar; devemos amar antes que sermos amados. Mas como deve ser este amor? “(...) Ele deu sua vida por nós. E nós também devemos dar nossa vida pelos irmãos” (I Jo 3, 16). O amor cristão é o amar antes e independentemente de ser amado e é amar dando a vida. É um amor que converte e não um amor que recompensa convertidos. Qualquer outra forma de amar diferente dessa, não é cristã, porque não abarca aquele “como eu vos amei” que distingue o amor cristão das outras formas de amar.

Demos mais um passo. Não é que Deus nos amou no passado, e agora, no presente, sozinhos, devamos amar. Deus nos ama e este amor com que Ele nos ama permanece em nós: “Nisto se manifestou o amor de Deus por nós: Deus enviou o seu Filho único ao mundo para que **vivamos por ele**” (I Jo 4, 9). O amor de Nosso Senhor permanece em nós. E é este amor que faz com que vivamos. Ora, é este amor de Cristo – e não outro – que a Igreja expande, estendendo-o ao mundo. Eis a graça, a graça é o prolongamento do amor de Nosso Senhor ao mundo através da Igreja. Em nós – que vivemos dEle – Cristo continua amando o mundo, dando a sua vida ao mundo. O amor cristão é uma extensão do amor de Cristo. Agora bem, sendo que a “Igreja é o prolongamento de Cristo na terra”⁴¹, ela é a continuação de Cristo servo, do “(...) amou tanto o mundo” do Pai (Jo 3, 16).

No entanto, para amarmos, precisamos fazer a experiência de ser amados por Deus. A graça de amar incondicionalmente resulta da experiência de termos sido antes amados gratuitamente. Afirma o Santo Doutor:

⁴¹ FRANCA, Leonel. **Catolicismo e Protestantismo**. Rio de Janeiro: Schmidt Editor, 1933, p. 1.

Autor: Sávio Laet de Barros Campos

Não há maior convite ao amor que, amando, tomar a dianteira: e demasiado duro é o coração que, se não queria *dar*, não quer nem ao menos *pagar* o amor.⁴²

E como fazer esta experiência, isto é, a experiência de sermos amados por Deus? É um mistério. Mas algo se passa quando ouvimos as Sagradas Escrituras. O que ela nos diz? “Pois Deus amou tanto o mundo, que entregou o seu Filho único (...)” (Jo 3, 16). Deus nos deu o Seu Filho. E não O poupou, como pediu que Abraão poupasse a Isaac (Gn 22, 12), mas O entregou: “(...) não poupou o seu próprio Filho e o entregou por todos nós (...)” (Rm 8, 32). E este amor manifestado em Cristo não começou no *Novo Testamento*. Nele, ele foi revelado em sua plenitude. Nosso Senhor – aos discípulos que iam para o povoado de Emaús – “(...) interpretou-lhes em todas as Escrituras o que a ele dizia respeito” (Lc 24, 17). E é interessante notar o começo do versículo, “E, começando por Moisés e percorrendo todos os profetas (...)” (Lc 24, 17). Ora, nesta passagem o próprio Senhor nos dá a chave de interpretação da Bíblia: Ele próprio. E o que ele manifestou? Que “Deus amou tanto o mundo”. Toda a Bíblia fala disso e toda a Bíblia deve ser lida a partir do *Novo Testamento*. Daí Santo Agostinho dizer: “É por isso que no Antigo Testamento esconde-se o Novo, e no Novo encontra-se a manifestação do Antigo”⁴³. Por outro lado, todas as Escrituras falam também do amor que brota deste sentir-se amado por Deus, a ponto de Nosso Senhor mesmo dizer que, no amor a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo, resumem-se todas as Escrituras: “Desses dois mandamentos dependem toda a Lei e os Profetas” (Mt 22, 40). Santo Agostinho descreve esta “hermenêutica bíblica” de forma lapidar:

Se Cristo veio principalmente a fim de que o homem soubesse o quanto Deus o ama, e o soubesse a fim de abrasar-se no amor daquele pelo qual foi primeiro amado, e amasse o próximo segundo a ordem e o exemplo de quem se fez próximo amando o que não estava próximo, porém corria longes terras; se toda a Escritura divina, escrita antes, foi escrita para predizer a vinda do Senhor, e se tudo quanto foi depois confiado aos Livros e confirmado pela divina autoridade conta o Cristo e aconselha o amor, é evidente que toda a Lei e os Profetas *se resumem nestes dois mandamentos* do amor de Deus e do próximo – única Escritura santa até então, pois o Senhor o dissera. É também evidente que neles se resumem todas as obras de letras divinas, que, para a nossa salvação, foram posteriormente escritas e confiadas à tradição.⁴⁴

⁴² AGOSTINHO. *A instrução dos catecúmenos*. IV, 7. p. 44.

⁴³ *Idem. Ibidem*. IV, 8. p. 49.

⁴⁴ *Idem. Ibidem*. IV, 8. p. 48-49.

Autor: Sávio Laet de Barros Campos

Então, qual é o conselho deste intrépido pregador e catequista aos pregadores e catequistas de hoje? Deixemos que ele mesmo responda: “(...) o que quer que narres faze-o de tal forma que aquele que te ouve, ouvindo, creia e, crendo, espere e, esperando, ame”⁴⁵. A verdadeira interpretação da Bíblia é aquela que nos leva ao amor. Num tratado consagrado à “exegese bíblica”, Santo Agostinho fecha da seguinte forma:

Concluimos, pois, afirmando que todo aquele que houver entendido ser o fim da lei “a caridade procedente de um coração puro, de uma boa consciência e de uma fé sem hipocrisia” (I Tm 1, 5), e quem refere toda a compreensão das divinas Escrituras a essas três disposições, poderá abordar com segurança o estudo dos Livros sagrados.⁴⁶

Obviamente que a exegese ou pregação da Sagrada Escritura, por mais edificante que seja, é ainda apenas um meio, um caminho, que nos leva à experiência do amor de Deus. Para entendermos isso, tomemos uma passagem dos *Atos dos Apóstolos*. O discurso de São Pedro na casa de Cornélio (At 10). Diz a Bíblia que, “Tomando então a palavra, Pedro falou (...)” (At 10, 34). E fez aos que estavam presentes o anúncio da salvação em Cristo. Contudo – narra a Escritura – “Pedro estava ainda falando essas coisas, quando o Espírito Santo desceu sobre todos os que ouviam a Palavra” (At 10, 44). Houve, pois, um corte. Eles experimentaram aquilo que ouviram. E nós sabemos que, após isso, foram batizados. O que aconteceu nesta experiência que os da casa de Cornélio fizeram? É algo inenarrável. O próprio Senhor acena para como reconhecer os que passaram por esta experiência: “É pelos seus frutos, portanto, que os reconhecereis” (Mt 7, 19). E São Paulo especifica qual é este fruto: “(...) o fruto do Espírito é o amor” (Gal 5, 22). Esta experiência indescritível vem-se repetindo na Igreja ao longo dos séculos. E o fruto, de fato, é sempre o mesmo. São Francisco, que passou por ela, gritava aos seus coetâneos: “O Amor não é amado”. São João da Cruz afirmava: “No entardecer desta vida, seremos julgados pelo amor”. Santa Terezinha do Menino Jesus dizia: “No seio da Igreja, eu quero ser o amor”. Santo Agostinho, que passou também por esta experiência, inebriado dela, saiu dizendo aos seus, que a experiência de Deus é qualquer coisa que a glote humana não consegue pronunciar. Exortava sem cessar que Deus não é o monossílabo tônico – ou as duas sílabas em latim – que pronunciamos, mas sim uma realidade que de muito ultrapassa o sinal que a indica:

⁴⁵ *Idem. Ibidem.* IV, 8, p. 49.

⁴⁶ *Idem. A Doutrina Cristã.* I, 40, 44.

Autor: Sávio Laet de Barros Campos

<Deus> não é apenas as duas breves sílabas com que exprimimos o seu nome, nem nós veneramos essas duas breves sílabas, nem as adoramos, nem é a elas que pretendemos chegar.⁴⁷

De Deus pode dizer-se tudo, e tendo-se dito tudo, tudo fica longe de ser dito como deve ser.⁴⁸

Não se nota pobreza maior do que quando se trata de dizer o que Deus é. Se procurais um nome conveniente, não o encontrais (...).⁴⁹

Na verdade, não O conhecemos pela vibração dessas duas sílabas: Deus.⁵⁰

Longe de Agostinho defender uma desmesurada “teologia apofática”, mas ele quer frisar justamente o contrário: se o sinal indica a coisa realmente, uma “teologia” eficaz nunca termina no sinal, mas em Deus mesmo. É necessário fazer a experiência de ser amado por Deus – dizia Santo Agostinho – porque sem ela, não podemos amá-LO, nem odiá-LO. Sem esta experiência – que é fruto da graça – mesmo a fé, é vã credulidade humana. Afirma o Santo Doutor:

Como podem odiar, se desconhecem? Se não conhecem o que ele é, mas têm a seu respeito qualquer outro conceito, não o odeiam, mas odeiam o que lhes parece que ele é, ou o que suspeitam erradamente.⁵¹

Se pensam ou crêem a respeito de Deus, não o que ele é, mas qualquer outra coisa, e tem ódio ao que pensam, não odeiam propriamente Deus, mas o que concebem de Deus na sua mentirosa suspeita e vã credulidade.⁵²

Antes de levarmos Deus ao mundo, devemos quebrar os nossos ídolos. E só deixamos de lado os ídolos, quando caímos de joelhos ante o mistério da graça. Nosso Doutor insistia com os seus, a fim de que eles não cressem num ídolo, nem levassem ao mundo um ídolo, mas sim o Deus de Jesus Cristo, o maior tesouro da Igreja. Dizia Ele:

⁴⁷ *Idem. Comentário ao Evangelho de São João: Médico e Alimento.* XXIX, 4.

⁴⁸ AGOSTINHO. *Comentário ao Evangelho de João: O Verbo de Deus.* 2ª ed. Trad. José Augusto Rodrigues Amado. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1954. v. I. XIII, 5.

⁴⁹ *Idem. Ibidem.*

⁵⁰ *Idem. A Doutrina Cristã.* I, 6, 6.

⁵¹ *Idem. Comentário ao Evangelho de São João: A Ceia do Senhor.* LXXXIX, 5.

⁵² *Idem. Ibidem.* XC, 1.

Autor: Sávio Laet de Barros Campos

Não O imagineis como se fosse um artesão que compõe, ordena, inventa, que modela e remodela; nem, tampouco, como um imperador sentado no trono real, brilhante e cheio de adornos e criando por decreto real. **Despedaçai os ídolos de vossos corações.**⁵³

Ora, é precisamente desta experiência de sermos amados e termos despedaçado todos os ídolos que exala o amor que daremos – qual bom perfume, como diz São Paulo – aos homens: “(...) somos para Deus o bom odor de Cristo” (II Cor 2, 15). É esta experiência que – sob a graça – queremos que o mundo experimente.

Mas por onde começar a amar? Santo Agostinho depara-se com o primeiro mandamento: “Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu espírito. Este é o maior e o primeiro mandamento” (Mt 22, 37-38). Porém, fica inquieto, pois se pergunta: como amar a Deus, se está escrito, “Ninguém jamais viu a Deus” (Jo 1, 18)? Entretanto, é iluminado pela continuação do versículo: “O Filho unigênito, que está no seio do Pai, este o deu a conhecer” (Jo 1, 18). Contudo, volta a ficar angustiado, pois Cristo não está mais fisicamente entre nós. Todavia, é novamente socorrido pela Sagrada Escritura, a saber, pela conclusão de Mateus 25: “Em verdade vos digo: cada vez que o fizestes a um desses mais pequeninos, **a mim** o fizestes” (Mt 25, 40). Então compreende: “Se alguém disser: ‘Amo a Deus’, mas odeia o seu irmão, é mentiroso” (I Jo 4, 20). De fato – pensa Agostinho – devo amar a Deus, também amando os irmãos – máxime os mais pequeninos – pois Nosso Senhor se identificou com eles. Donde o Santo Doutor dar eco às palavras de São João: “(...) quem não ama seu irmão, a quem vê, a Deus, a quem não vê, não poderá amar” (I Jo 4, 20). Podemos dizer doutra forma, quem não ama o irmão necessitado, não ama a Deus, pois realmente não chegou a conhecer a Deus, não O reconhecendo no irmão: “(...) a mim o fizestes”. O Santo Doutor conclui então: Deus – a quem não vemos – mandou-nos amar a Ele, amando-O no irmão, a quem vemos. Daí concluir admirado num Sermão: “Principiai a amar o próximo”⁵⁴.

Em outro lugar, Santo Agostinho explica doutra maneira. Se, pois, “É com um mesmo amor – a caridade – que amamos a Deus e ao próximo, mas amamos a Deus por Deus, e ao próximo por causa de Deus”⁵⁵, segue-se “(...) que aqueles dois preceitos – a do amor a Deus e

⁵³ AGOSTINHO. **Sermão 223 A. 5.** Disponível em <http://www.augustinus.it/latino/discorsi/discorso_284_testo.htm>. Acesso em: 14/12/2013. (A tradução e o negrito são nossos).

⁵⁴ AGOSTINHO. **Comentário ao Evangelho de São João: Médico e Alimento.** XVII, 8.

⁵⁵ *Idem.* **A Trindade.** VIII, 8, 12. (Os travessões são nossos).

Autor: Sávio Laet de Barros Campos

ao próximo – não podem existir um sem o outro”⁵⁶. É um e mesmo preceito. Nosso Santo compreende então a razão pela qual São João conclui: “E este é o mandamento que dele recebemos: aquele que ama a Deus, ame também seu irmão” (I Jo 4, 21). Mas assevera, não podemos nos esquecer de como amar o irmão, a saber, “(...) como eu vos amei”: “Amai o próximo, e examinai em vós como amais o próximo”⁵⁷. E como Cristo nos amou? É São João quem nos diz: “(...) ele deu sua vida por nós” (I Jo 3, 16). Então, como devemos amar o irmão? O mesmo Apóstolo nos diz: “(...) nós também devemos dar nossa vida pelos nossos irmãos” (I Jo 3, 16). São João diz: “Todo aquele que odeia seu irmão é homicida (...)” (I Jo 5, 15). O que quer ele dizer com isso? Quer dizer que o amor cristão é radical: ou amamos o próximo dando a vida – gastando a vida – ou não só não amamos o próximo, mas – no âmbito cristão – tornamo-nos um homicida, pois não o levamos para Deus. É este amor de entranhas que faz a Igreja. É dele que ela vive.

Mas existe algum modo de amar diretamente a Deus? Acerca disso, é interessante notar que Santo Agostinho não se cansava de repetir um dito do livro da Sabedoria: “Mas tudo dispusestes com medida, número e peso” (Sb 11, 20). E o mesmo raciocínio é retomado em várias de suas obras: todas as coisas devem ser amadas segundo a sua medida, isto é, de forma ordenada. Entretanto, quando fala do amor a Deus num Sermão, ele abandona “medida, número e peso”, e diz que, em relação ao amor a Deus, “ (...) a medida própria [do amor] é amar sem medida”⁵⁸. Muitos irão ver nessa assertiva, certo irracionalismo. Outros, ao invés, apenas uma metáfora poética. Não assim para nós. Razão – *ratio (is)* em latim –, numa primeira acepção, significa *cálculo*, *conta* e implica *número* e *medida*. O que Agostinho está a dizer? Está a nos dizer que – sob a tutela da Igreja e de um diretor espiritual–, uma vez descoberta a vontade de Deus para as nossas vidas, não devemos “medir” esforços, nem “pensar” duas vezes nem “calcular” nem “pesar” os prós e os contra para cumpri-la. Ressoa a palavra do Apóstolo: “(...) Somos loucos por causa de Cristo (...) [*Nos stulti propter Christum*]” (I Cor 4, 10). Dito doutro modo, feito o devido discernimento espiritual, devemos amar Jesus até à loucura, como dizia Santa Terezinha. É claro que isso é obra do Espírito. Santo Agostinho chega a afirmar que a caridade é uma espécie de “boa cobiça”: “(...) a boa

⁵⁶ *Idem. Ibidem.* (Os travessões são nossos).

⁵⁷ *Idem. Comentário ao Evangelho de São João: Médico e Alimento.* XVII, 8.

⁵⁸ AGOSTINHO. **Epístola 109.** 2. Disponível em: <http://www.augustinus.it/latino/lettere/lettera_110_testo.htm>. Acesso em: 07/02/2014: “Ipse modus est sine modo amare.”

Autor: Sávio Laet de Barros Campos

cobiça, ou seja, a caridade que ele (o Espírito Santo) difunde em nosso coração (...)”⁵⁹. Sim, devemos “cobiçar” a Deus, amando-O desmesuradamente.

E aqui entramos noutra tema, o da oração. Na concepção de Agostinho, só há oração quando há desejo, amor, atração. E o desejo, por si só, já é uma oração. Amor e desejo, para o Santo Doutor, intercalam-se, posto que quem deseja, ama, e quem ama, deseja, e quem deseja e ama, clama, isto é, ora. Em uma palavra, amar é orar e orar é amar. Com outras palavras ainda, desejar é orar e orar é desejar. De modo que, da mesma forma que se pode amar e desejar em silêncio, pode-se também orar no silêncio. Eis uma tríade inseparável: amor, desejo e oração. Se contínuo for o nosso amor, contínua será a nossa oração. Ou ainda: se contínuo for o nosso desejo, contínua será a nossa oração. Por isso:

Teu desejo é tua oração [*Ipsium enim desiderium tuum, oratio tua est*]; e se o teu desejo é contínuo, contínua é a oração [*et si continuum desiderium, continua oratio*]. Com razão diz o Apóstolo: “Orando sem cessar” (I Ts 5, 17). Acaso sem interrupção dobramos os joelhos, prostramo-nos, ou levantamos as mãos, para que ele diga: “Orai sem cessar?” Ou se afirmamos que assim nós rezamos, penso que não podemos afirmar fazê-lo sem interrupção. Existe outra oração interior sem interrupção, que é o desejo [*Est alia interior sine intermissione oratio, quae est desiderium*]. Seja o que for que faças, se desejas aquele sábado, não interrompes a oração. Se não queres interromper a oração, não cesses de desejar [*Si non vis intermittere orare, noli intermittere desiderare*]. Teu contínuo desejo é tua contínua voz [*Continuum desiderium tuum, continua vox tua est*]. Calarás se desistires de amar [*Tacebis, si amare destiteris*]. Quais são os que calaram? Aqueles dos quais foi dito: “E pelo crescimento da iniquidade, o amor de muitos esfriará” (Mt 24, 12). Esfriamento da caridade é o silêncio do coração [*Frigus caritatis, silentium cordis est*]; ardor da caridade é o clamor do coração [*flagrantia caritatis, clamor cordis est*]. Se a caridade sempre permanece, sempre clamas; se sempre clamas, sempre desejas; se desejas, lembras-te do repouso.⁶⁰

Pois em quem deseja, mesmo que a língua cale, o coração canta [*Nam qui desiderat, etsi lingua taceat, cantat corde*]; aquele, porém, que não tem desejos, mesmo que fira os ouvidos humanos com seus clamores, está mudo diante de Deus [*qui autem non desiderat, quolibet clamore aures hominum feriat, mutus est Deo*].⁶¹

⁵⁹ AGOSTINHO. **O espírito e a letra**. Trad. Agostinho Belmonte. São Paulo: Paulus, 1998. IV, 6: “(...) concupiscentiam bonam, hoc est caritatem diffundens in cordibus nostris (...)”

⁶⁰ *Idem*. **Comentários aos Salmos**. 37, 14, 10. pp. 589 e 590.

⁶¹ AGOSTINHO. **Comentários aos Salmos**. Trad. Monjas Beneditinas. Rev. H. Dalbosco. São Paulo: Paulus, 1997. v 2. 86, 1. p. 874.

Não é coisa ímproba nem inútil orar longamente quando temos tempo, isto é, quando isso não impede outras incumbências de ações boas e necessárias, se bem que ainda nestas ações seja necessário orar sempre com o desejo [*desiderio illo semper orandum sit*]. Na verdade, orar longamente não equivale, como alguns acreditam, a orar com muitas palavras. Uma coisa é falar longamente, outra coisa é um diuturno afeto [*Aliud est sermo multus, aliud diuturnus affectus*]. Orar detidamente consiste numa excitação [*excitatione*], diuturna e pia [*diuturna et pia*], do pulsar do coração [*cordis pulsare*] para aquele que invocamos.⁶²

Dito doutro modo, para Agostinho, orar é, fundamentalmente, desejar. Se oramos com palavras – e isso não é algo vazio – é só para despertar em nós maior anelo. Oramos a Deus também com palavras somente para aumentar o nosso enlevo por Ele. Por isso, a oração com palavras – certamente indispensável – não é, contudo, o fundamento da oração; a regra é orar com um contínuo e íntimo desejo por Deus. A essência da oração está no desejo. Se oramos também com palavras – ratificamos – é apenas para estimular ainda mais o nosso desejo de estar com Deus. Santa Terezinha do Menino Jesus dizia que a oração pode ser um simples “ai”, dito no silêncio do nosso coração. Afirma Santo Agostinho:

Nós oramos sempre com um desejo contínuo que brota da fé, esperança e caridade. Mas em intervalos fixos e em dadas circunstâncias oramos a Deus também com palavras [*Sed ideo per certa intervalla horarum et temporum etiam verbis rogamus Deum*], a fim de que, mediante aqueles sinais, estimulemos a nós mesmos e nos demos conta do quanto havemos progredido neste desejo, e nos estimulemos a mais vivamente aumentá-lo em nós.⁶³

O Santo Bispo de Hipona já foi chamado de *Doutor do Desejo*, porque, para ele, o desejo é uma espécie de “nostalgia” por Deus e é esta espécie de “saudade” de Deus que nos faz tender para Ele. É, pois, a intensidade do nosso desejo que definirá a medida da graça e da profundidade do conhecimento de Deus que teremos, visto que é o desejo que dilata o coração para receber a graça e o amor. E quanto mais dilatado o coração, mais poderá ser preenchido pelo amor e conhecimento de Deus:

⁶² AGOSTINHO. **Epistola** **130.** 10, 19-20. Disponível em: <http://www.augustinus.it/latino/lettere/lettera_131_testo.htm>. Acesso em 07/02/2014. (A tradução é nossa).

⁶³ AGOSTINHO. **Epistola** **130.** 9, 18. Disponível em: <http://www.augustinus.it/latino/lettere/lettera_131_testo.htm>. Acesso em: 07/02/2014. (A tradução é nossa).

Autor: Sávio Laet de Barros Campos

O desejo é o regaço do coração [*Desiderium, sinus cordis est*].
Receberemos, se dilatarmos o desejo o quanto pudermos [*capiemus, si desiderium quantum possumus extendamus*]⁶⁴.

Em outra obra, chega a dizer que a vida do verdadeiro cristão resume-se num santo desejo, cujo termo só se dará na visão. Para Agostinho, o que nos salvará é o coração inquieto que Deus nos deu: “fizeste-nos para ti, e inquieto está o nosso coração, enquanto não repousa em ti”⁶⁵. Ouçamo-lo:

Toda a vida de um bom cristão é um santo desejo [*Tota vita christiani boni, sanctum desiderium est*]. Ora, o que desejas não vês, mas desejando-O, capacitas-te para que, quando vier o que verás, enchas-te dEle. (...) Vivamos, pois, irmãos, de desejo, já que devemos ser plenificados.⁶⁶

Noutro *Sermão*, Agostinho – desta sorte referindo-se à oração com os irmãos – compara-a com uma espécie de “embriaguez”. A metáfora é forte e muito elucidativa, pois nos mostra que o Santo Doutor reconhece e recomenda aos seus a mesma “embriaguez” espiritual experimentada pelos primeiros cristãos em Pentecostes: “Estão cheios de vinho doce!” (At 2, 13). Diz ele:

Diz o Apóstolo: Não vos embriagueis de vinho que leva à libertinagem. E, como querendo ensiná-los com o que deveriam embriagar-se, acrescenta: *Mas sejais repletos do Espírito Santo, cantando entre vós salmos, e hinos, e cânticos espirituais, cantando em vosso coração ao Senhor* (Ef 5,18 s). Quem se alegra no Senhor [*Qui laetatur in Domino*] e canta a ele com grande exultação [*magna exultatione*], não se assemelha porventura a alguém que está ébrio [*nonne ebrio similis est*]? Aprovo esta embriaguez [*Probo istam ebrietatem*]⁶⁷.

A caridade é, pois, um fogo abrasador que o Espírito coloca em nós. Como todo amor, ela também é um movimento, um impulso, uma espécie de pulsão voluntária, só que não para

⁶⁴ AGOSTINHO. *Comentário ao Evangelho de São João: Luz, Pastor e Vida*. 2ª ed. Trad. José Augusto Rodrigues Amado. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1960. v. III. 40, 10.

⁶⁵ AGOSTINHO. *Confissões*. 2ª ed. Trad. Maria Luiza Jardim Amarante. Rev. Antônio da Silveira Mendonça e H. Dalbosco. São Paulo: Paulus, 1997. I, 1, 1.

⁶⁶ AGOSTINHO. *In Epistolam Ioannis ad Parthos Tractatus Decem*. 4, 6. Disponível em <http://www.augustinus.it/latino/commento_lsg/omelia_04_testo.htm>. Acesso em: 07/02/104. (A tradução é nossa).

⁶⁷ AGOSTINHO. *Sermo 225*. 4, 4. Disponível: <http://www.augustinus.it/latino/discorsi/discorso_296_testo.htm>. Acesso em: 07/02/2014. (A tradução é nossa).

Autor: Sávio Laet de Barros Campos

as coisas sensíveis e sim para Deus. Ela é um ímpeto que nos leva para Deus, que nos conduz a Ele. Por isso, podemos dizer que somos salvos pela caridade, pois por ela somos como que transportados para Deus. Por isso mesmo, podemos afirmar ainda, que somos salvos pelo desejo de Deus, que é oração. De fato, é o ardor que Ele mesmo acende em nossos corações que nos move para Ele. E quanto mais fervorosos formos neste nosso desejo, mais nos aproximaremos dEle. E um dia, atraídos e inflamados por Seu amor flamejante, repousaremos nEle, e o nosso coração não mais queimará, a não ser para permanecermos juntos dEle para sempre:

Teu dom nos inflama e nos leva para o alto; nós nos inflamamos e nos movemos. Subimos os degraus do coração, cantando o cântico dos degraus. É o teu fogo, o teu fogo santo que nos inflama e nos move, enquanto subimos para a paz de Jerusalém. (...) Aí seremos colocados por tua vontade benigna, e nada mais desejaremos senão aí permanecer eternamente.⁶⁸

Bela, pois, é a alma que ama a Deus e, porque ama, tem sede de Deus. Bela é a alma que pode dizer: “Como a corça bramindo por águas correntes, assim minha alma brame por ti, ó meu Deus! Minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo” (Sl 42, 2-3). É o amor que nos torna belos. O amor é o autor da beleza e não a beleza do amor. Não é a beleza que causa o amor – diz Agostinho –, mas é o amor que causa a beleza. Deus – que é Amor – é o Belo e o Criador da beleza:

Amando-O (i.é., Deus) tornamo-nos belos. (...) A nossa alma, meus irmãos, é feia por causa da iniquidade; amando a Deus, torna-se bela. Qual amor torna bela a alma que ama? Deus é sempre belo, nunca há nele deformidade ou mudança. Amou-nos primeiro, Ele que é sempre belo, e amou-nos quando éramos feios e disformes. Mas não nos amou para deixar-nos feios, senão para mudar-nos e nos tornar belos de feios que éramos. E de que modo seremos belos? Amando a Ele, que é sempre belo. Quanto cresce em ti o amor, tanto cresce a beleza, porque a própria caridade é a beleza da alma.⁶⁹

É este amor, que encontramos na oração, qual dom, é esta beleza, que nasce deste amor, que nos torna belos e capazes de ir ao mundo e encantá-lo, conquistando-o pela beleza,

⁶⁸ *Idem. Confissões.* XIII, 9, 10. p. 411.

⁶⁹ AGOSTINHO. *In Epistolam Ioannis ad Parthos Tractatus Decem.* 9, 9. Disponível em: <http://www.augustinus.it/latino/commento_lsg/omelia_09_testo.htm>. Acesso e: 07/02/2014. (A tradução e o parêntese são nossos).

Autor: Sávio Laet de Barros Campos

convertendo-o por amor. Terminemos com o apelo do Santo Pastor: “Venham para a Igreja Católica, e possuirão conosco não só a terra, mas ainda aquele que fez o céu a terra”⁷⁰.

⁷⁰ *Idem*. **Comentário ao Evangelho de João: O Verbo de Deus**. VI, 26.